

**‘Revoltada antena’: Redes, dispositivos móveis,  
ativismo e mídia livre nas manifestações de  
2013 no Brasil**

**‘Revolta da antena’: Networks, mobile devices, activism  
and free media in the protests of 2013 in Brazil**

*Gustavo Antoniuk Presta*

## Resumo

Este artigo visa discutir as influências exercidas pelas tecnologias de redes digitais, facilidades tecnológicas e dispositivos móveis nos eventos de manifestações populares e ativismo<sup>1</sup> que vêm acontecendo no mundo globalizado. O foco principal direciona-se às jornadas de junho de 2013 no Brasil, fazendo um levantamento de como ações de ativismo podem representar alternativas de ação na ocupação do espaço público. Também aborda como a mídia livre pode representar uma alternativa distinta da mídia tradicional comercial na divulgação das informações, revelando a importância de projetos como a 'Revolta da Antena', desenvolvido em Florianópolis, nesse contexto. Ao refletir sobre as propostas da 'Revolta da Antena', centralizada sobre a ideia da liberdade de informação, analisam-se as possibilidades e influências da sociedade de redes - com relação ao ser humano - e as novas mídias, nos contextos sociais contemporâneos, pontuando novas possibilidades de interação midiática e social.

**Palavras-chave:** Redes; Dispositivos móveis; Ativismo; Mídia Livre; Revolta da Antena

## Abstract

This paper aims to discuss the influences that digital technology, technological facilities and mobile devices have on the events of popular manifestations and activism<sup>2</sup> that are happening all over the world. The primary focus falls upon the events that happened in June 2013 in Brazil, by performing a survey on how activism actions may represent alternative actions in the occupation of the public space. Moreover, how the free media may represent a distinct alternative to traditional commercial media in the dissemination of information and revealing the importance of projects such as the 'Revolta da Antena', developed in Florianópolis, in this context. Reflecting on the proposals of the 'Revolta da Antena', based on the idea of freedom of information, it is possible to analyze the opportunities and influences of the network society in relation to humans and new media in contemporary social contexts, highlighting new possibilities of interaction and social media.

**Keywords:** Post-critical pedagogy; repressive myths; pedagogy of the oppressed; theatre of the oppressed.

ISSN: 2175-2346

---

1. Ativismo ou arte ativismo é o termo usado para designar ações que se valem de estratégias artísticas, estéticas e simbólicas para problematizar e amplificar para a sociedade, causas e reivindicações sociais.

2. Ativismo or activism art is the term used to describe actions that make use of artistic, aesthetic and symbolic strategies to problematize and to amplify causes and social demands to the society.

## Introdução: Do mundo às redes, das redes às ruas

Quando muito ainda se discutia no mundo todo o poder de alienação das redes sociais e da própria internet - em contraponto às suas maravilhosas possibilidades de interação e ação social, cultural e política -, o Brasil experimentava uma inédita ação popular de manifestação, organizada e favorecida pelas redes sociais. Assim ficou marcado o primeiro momento político na história do país no qual a internet exerceu total influência, fazendo a diferença.

Após mais de vinte anos de refluxo do movimento social no Brasil, Edmilson Costa<sup>3</sup> afirma que a cena política e social foi invadida pela população com uma extraordinária indignação, "mais uma vez quebrando o velho mito divulgado pelas classes dominantes de que o povo brasileiro é ordeiro e pacífico e que exorciza suas mágoas e frustrações no carnaval, no futebol e no samba" (COSTA, 2013, p. 7). Dessa forma, o mês de junho de 2013 ficou marcado na história do Brasil pelas mobilizações populares que tomaram as ruas, motivadas por uma insatisfação geral, referente a diversas questões que há muito tempo constroem a população nacional.

As manifestações de junho de 2013 foram resultado de um acúmulo de problemas. A ponta do pavio foi acesa por um descontentamento inicial, através de manifestações contra o aumento das passagens do transporte público. "Rapidamente as ruas foram tomadas por milhões de manifestantes, com uma pauta ainda difusa, mas que na maioria dos casos incluíam os temas que realmente atormentam o dia a dia da população" (COSTA, 2013, p. 10), ou seja, uma concentração de questões problemáticas nos âmbitos social, político e econômico.

O principal elemento propulsor e organizador desses eventos foi a internet, principalmente através de redes sociais, com o compartilhamento de organizações e manifestos em todo o Brasil. Essa nova realidade de organização social e política através de redes digitais, como se deu na 'Revolta da Antena', em Florianópolis, traz à tona novas possibilidades de ação política popular. Assim, foi causado um inédito frisson nas autoridades e nos meios tradicionais de comunicação - os detentores do poder de formação de opinião popular - que não sabem ao certo como lidar com essa nova realidade e com essas novas possibilidades de resistência aos padrões pré-estabelecidos e rejeitados pelo povo. Relembrando os pensamentos de Foucault sobre o conceito de resistência, Lazzarato (2006, p. 21) afirma que "o 'não' endereçado ao poder [...] constitui a forma mínima de resistência. E essa resistência deve-se abrir a um processo de criação, de transformação da situação, de participação ativa nesse processo". Nesse contexto, a atual existência de espaços híbridos onde desaparecem os limites que separavam o físico e o digital, o real e o virtual, aparece como a possibilidade de novas perspectivas de ação popular. De acordo com Souza e Silva (2010, p. 282), "espaços híbridos são espaços nômades, criados pela constante mobilidade dos usuários que carregam aparelhos portáteis de co-

---

3. Em artigo digital publicado ainda no calor das jornadas de junho de 2013: 'Brasil: extraordinária jornada de lutas. Primeiras reflexões sobre as grandes manifestações de massas no País.' Disponível em <<https://docs.google.com/file/d/0B7usajQaylSFNjnbURsZnUzM3c/edit?pli=1>>

municação, como telefones celulares, continuamente conectados à internet e a outros usuários". Ou seja, as tecnologias nômades recriam os ambientes urbanos gerando novas formas de interação com os espaços e com os outros.

Isso porque a internet faz a informação circular rapidamente, subvertendo as noções de tempo e espaço. Assim, o sucesso das últimas experiências de resistência popular, bem como os relatos de manifestações organizadas no mundo todo com a utilização da internet, vem a ser assimilado rapidamente e repetido por diversos públicos espalhados pelo mundo.

Num mundo globalizado, em que as informações circulam à velocidade da luz, os levantes, mobilizações e greves e um determinado País, numa conjuntura de crise mundial, funcionam pedagogicamente. Mesmo com a brutal manipulação que os meios de comunicações realizam diariamente, são incapazes de esconder as grandes manifestações que estão ocorrendo em várias partes do mundo. Para uma população que acumulou descontentamento e frustrações ao longo dos 30 anos do período neoliberal, o exemplo dos levantes em um determinado País influencia a psicologia das massas a se manifestar também em outras regiões – as pessoas vão perdendo o medo e despertando energias para ações coletivas (COSTA, 2013, p. 3).

Esse entendimento da internet como força aglutinadora para manifestações populares – bem como para o compartilhamento de táticas de ações nos protestos, formas de estabelecer e divulgar as pautas, ações de mídia livre e ativismo durante os eventos e até mesmo maneiras de se defender do violento ataque policial – fortalece a compreensão de como a internet tem papel primordial nos protestos do século XXI. Então se percebe a aplicação da ideia de Lazzarato (2006, p. 12) em nossa realidade contemporânea, quando afirma que "a possibilidade de um outro mundo surgiu, mas precisa ser efetuada". Se pautada nos recursos das redes de compartilhamento e participação – e nas novas formas de liberdade de informação –, essa efetuação torna-se mais acessível e possível. Principalmente após os primeiros acontecimentos da Primavera Árabe, a partir de 2010, quando a população da Tunísia iniciou uma inédita onda de protestos revolucionários, que muito rapidamente se espalharam em diversos cantos do mundo, servindo de incentivo a outros povos e também a novas manifestações populares com os mais diversos fins. A internet tem um papel tão importante nos dias atuais que Secco (2013, p. 77) afirma que "o século XXI começou na Primavera Árabe", pontuando, dessa forma, a importância desses eventos (que fazem uso da internet e das redes sociais) de manifestações contra formas de poder estabelecidas.

Sobre as características desses eventos, Giselle Beiguelman<sup>4</sup> releva o hibridismo dessas manifestações, que unem de maneira particular o real e o virtual, uma vez que foram as pessoas as realizadoras dos movimentos, solicitados por um momento histórico específico e realizados "com os recursos do Facebook e do Twitter. [...] A desconfiança com relação à importância das chamadas redes sociais e celulares nesses levantes está diretamente relacionada ao seu potencial para funcionarem como dispositivos de controle" (BEIGUELMAN, 2011). Ou seja, há uma nova possibilidade de or-

---

4. Em artigo digital publicado na Revista Select: 'O fim do virtual.' Disponível em <[http://www.select.art.br/article/reportagens\\_e\\_artigos/o-fim-do-virtual?page=unic](http://www.select.art.br/article/reportagens_e_artigos/o-fim-do-virtual?page=unic)>

ganização social e política brilhando nos horizontes populares e governamentais, cabe saber quem assimilará primeiro as melhores maneiras de lidar com isso tudo, o povo ou as instituições de controle e poder. Em uma retrospectiva política e social de 2013, a Mídia Ninja<sup>5</sup> esclarece que “as instituições, como estão configuradas, não souberam e não saberão lidar com essa geração hiperconectada. Os jovens não aceitam mais a versão oficial. Opinam, debatem, participam e criam suas próprias verdades”.

Com base nessas novas possibilidades, espalharam-se pelo mundo nos últimos anos uma série de protestos e manifestações, que detonaram nas ruas os padrões de expressão do descontentamento popular até então estabelecidos. Esses fenômenos deixaram claro aos estados, aos partidos e às grandes corporações a mensagem de que o povo não se sente representado por essas instituições e que se abre, pouco a pouco, uma fissura sob seus pés, que em breve poderá tornar-se um abismo de difícil transposição. Os reflexos percebidos no Brasil revelam que as manifestações por si só não foram algo inédito, mas sim o fato de terem sido realizadas por todo o território nacional, desde as maiores capitais – tradicionalmente focos de manifestações e protestos – até as cidades do interior e pequenos centros urbanos. As manifestações de junho, conforme Peschanski (2013, p. 59), “iniciaram com uma passeata de cerca de 4 mil pessoas em São Paulo no dia 6 e, duas semanas depois, já somavam 1,4 milhão de pessoas em pelo menos 120 cidades”. Esse sistema de organização dos protestos, em um território de proporções continentais como o Brasil, se deu, principalmente, através das forças aglutinadoras específicas proporcionadas pela internet, pelas redes sociais e de comunicação móvel, e pela disseminação dos dispositivos móveis.

O aumento nas tarifas de ônibus em diversas cidades foi o ponto de partida das primeiras mobilizações. Então a repressão policial ostensiva e violenta intensificou os debates nas redes sobre a desmilitarização da Polícia, enquanto a mídia tradicional comercial esforçava-se para confundir o povo, pois “quando há processos de ‘revolta’ [...] muitas coisas que estavam ocultas retornam à superfície” (STIEGLER, 2007, p. 30). Mas a ação abusiva brutal da polícia, acompanhada e registrada de perto por diversas pessoas e divulgada nas redes, foi fator decisivo para o crescimento do movimento, que passou de uma pauta específica – os aumentos nas tarifas do transporte público – para um debate muito mais amplo sobre corrupção, direitos humanos, participação e novos processos políticos. A internet serviu como ponto agregador de interesses dos manifestantes, mobilizando um grande público em diversas regiões por todo o país, dando um start especial na introdução da revolução digital nas manifestações populares. Leonardo Sakamoto aponta para a dificuldade que os tradicionais políticos têm de compreender a forma como os movimentos sociais atuais utilizam ferramentas como as redes sociais, pois essas “tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. [...] Isso, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social” (SAKAMOTO, 2013, p. 95). É o que se podem verificar nessas manifestações contemporâneas e em projetos como a ‘Revolta da Antena’ e ações artivistas, como as do “Coletivo Pro-

---

5. Mídia Ninja - É um grupo de mídia formado em 2011. Sua atuação é conhecida pelo ativismo sociopolítico, declarando ser uma alternativa à imprensa tradicional. A sigla NINJA significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.

Retrospectiva multimídia das ações da Mídia Ninja em 2013 disponível no link: <<https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2>>

jetação" – que serão analisadas mais à frente –, quando passam a surgir iniciativas populares envolvendo tecnologia digital e mobilidade urbana. Isso se dá tanto na divulgação dos fatos ocorridos durante os protestos, como na viabilização de manifestações artísticas e intelectuais durante esses eventos históricos, evidenciando os conceitos de Castells (1999), quando afirma que vivemos a chamada sociedade em redes.

## Redes

Atualmente a noção de redes está muito ligada a áreas referentes às tecnologias da informação. Mas os sistemas de redes desenvolvem-se intrínsecos à vida do homem, dentro e fora do corpo, influenciando os modos humanos de vida, tanto individuais quanto coletivos. Como afirma Guattari (1990, pp. 7-8), esses sistemas

evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos.

Isso posto, percebe-se a grande influência que os sistemas de rede exercem na vida dos povos, bem como as necessidades que sazonalmente surgem de desenvolvimento e expansão de novos tipos de redes, que superam os mais arcaicos, tornando mais complexa e interligada a vida em sociedade. Das "redes financeiras de alta velocidade, [...] a redes de relacionamento que modificam o significado da palavra 'amigo', redes, como nos é dito, não são apenas o conteúdo da sociedade, mas sua estrutura e sua mensagem" (CHUN, 2011, p. 109). Quando agregados, esses fatores geram modificações, hoje percebidas principalmente nas redes de comunicação e informação, extremamente presentes e importantes no mundo globalizado, como fornecedoras de oportunidades de trocas, compartilhamentos e facilitadoras dos processos de interação social e política. Ocorrência tanto nas redes virtuais quanto nas analógicas, pois "o boca a boca, os correios, a rede marginal de zines, as 'árvores telefônicas' e coisas do gênero são suficientes para se construir uma rede de informação" (BEY, 1990, p. 13).

De uma maneira bem generalizada, o termo redes remete fluxo, integração, movimento, aproximação e percebe-se que "nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade" (PARENTE, 2010, p. 92). Dentre as diversas formas de redes existentes, as redes tecnológicas e digitais de comunicação e informação são caracterizadas pelas suas possibilidades de interações e fluxos, o que por sua vez questiona os padrões tradicionais das redes de informação e comunicação até então estabelecidas pelas mídias tradicionais. Isso porque os paradigmas dessas mídias comerciais, representadas basicamente por rádio, jornal, revista e televisão, vem sendo desestruturados pelas novas maneiras de se produzir e distribuir informação e conteúdo em tempo real – com transmissões ao vivo por agentes da mídia livre, não vinculados à mídia tradicional comercial.

Essas formas de trabalho em rede – ou facilitadas pela rede – geralmente estão relacionadas a questões como democratização, flexibilidade e menos hierarquização, indicando a ampliação de espaços públicos de negociação e trocas. "As redes torna-

ram-se, ao mesmo tempo, uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso, justamente no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passam a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial" (PARENTE, 2010, p. 92). As facilidades tecnológicas atuais e a convergência digital estão reorganizando as possibilidades de produção e divulgação de informações, desequilibrando os velhos modelos da tradicional mídia comercial, controladora da indústria cultural e dos formatos de produção e distribuição de informação. Assim, as redes digitais vão reafirmando as contradições dos velhos sistemas, "ampliando os espaços democráticos da crítica, da criação cultural e da diversidade, bem como abrindo espaço para a emergência de uma esfera pública interconectada, com um potencial mais democrático que a esfera pública dominada pelos *mass media*" (SILVEIRA, 2008, p. 31). Tudo isso se dá, principalmente, pela versatilidade dessas redes de comunicação e fluxos.

Nesse amplo campo de possibilidades que a internet proporciona, as redes sociais aparecem como ferramentas de proximidade com um aspecto de dualidade muito característico. "Ao mesmo tempo que abrem possibilidades inéditas de fomento ao consumo, elas são também dispositivos de uso crítico e criativo das mídias existentes" (BEIGUELMAN, 2011), o que pode ser perigoso para a indústria cultural e para os padrões de controle estabelecidos pela velha mídia comercial. Essa dupla face pode ser representada pelo pensamento de Agamben (2002, p. 127), quando cita que

os espaços, as liberdades e os direitos que os indivíduos adquirem no seu conflito com os poderes centrais simultaneamente preparam, a cada vez, uma tácita porém crescente inscrição de suas vidas na ordem estatal, oferecendo assim uma nova e mais temível instância ao poder soberano do qual desejariam liberar-se.

Esse pensamento, aplicado à realidade global que a rede oferece, dá noção do poder latente que as redes apresentam como ferramentas de controle. "Telefones celulares e internet – até o ponto em que se pode distinguir – são considerados ferramentas globais que, por definição, ameaçam a estabilidade dos Estados-nações" (CHUN, 2011, p. 94).

Nesse cenário, onde se desenvolve a geração de jovens que já nasceu em um mundo altamente permeado pelas tecnologias digitais de comunicação e informação – acostumados com um sistema de comunicação de um para muitos –, as redes sociais apresentam-se como "ferramentas contra-hegemônicas em relação aos meios de comunicação tradicionais" (COSTA, 2013, p. 11). A interatividade das redes digitais apresenta brechas para o surgimento de maneiras distintas de comunicação participativa, principalmente sob essa perspectiva de digitalização da cultura e das formas de produção e distribuição de informação. Assim, surgem possibilidades de interação de muitos para muitos, em um processo deslocalizado e global, com fluxos e refluxos de dados, fazendo com que o ambiente virtual amplie e consolide as relações pessoais. Nesse contexto, Beiguelman<sup>6</sup> (2010) apresenta o conceito de *cibridismo* como "essa experiência, muito contemporânea, de estar entre redes, on e off line", ou seja, as redes se tornaram tão onipresentes no

---

6. Em entrevista: 'A Arte do Cibridismo'. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pwej1qB8ulg>>

dia a dia que os indivíduos estão sempre entre redes e o simples uso do aparelho celular pode se configurar como uma experiência *cíbrida*.

## Dispositivos Móveis

A tecnologia móvel de comunicação no Brasil dissemina-se em uma época marcada por mudanças políticas, econômicas e sociais de peso históricos, quando o virtual e o real misturam-se de maneira quase homogênea e “é difícil pensar qual é a instância da realidade que não é mediada, hoje em dia, pelos meios digitais e pelas redes em suas mais diversas manifestações. [...] O que se tem é um processo avassalador e irreversível de digitalização da cultura em todas as suas instâncias” (BEIGUELMAN, 2011), o que reflete as novas formas de produção e distribuição de informação. A manifestação popular ganha voz e discurso nesse diálogo democrático, que se desenrola nas arenas da mídia, com esses processos de digitalização e com as facilidades tecnológicas, onde as novas mídias carregam consigo grandes poderes políticos e ideológicos.

“O digital é uma metalinguagem que permitiu separar e liberar todos os conteúdos e formatos dos seus suportes físicos” (SILVEIRA, 2008, p. 38) e a convergência digital foi viabilizada por esse processo. Isso elimina uma série de procedimentos intermediários entre a produção da informação e o público, tornando mais acessíveis e práticos os métodos de produção, armazenagem e distribuição, tanto de objetos artísticos como de informação. “A principal característica da digitalização – e o motivo de seu avanço crescente – é a facilidade e o baixo custo de manipular e reproduzir os bens digitais” (SIMON; VIEIRA, 2008, p. 15).

Os processos gradativos de digitalização na sociedade vão gerando recursos e ferramentas que oferecem novas perspectivas culturais de participação popular. “Antigo telefone com câmera, o celular se transforma, agora, em um controle remoto de cidades interativas, um órgão de visualização do que os olhos não veem” (BEIGUELMAN, 2011)<sup>7</sup>. Em muitos casos, os dispositivos móveis são as principais ferramentas de conexão com a internet, devido a sua característica de mobilidade e conexão, gerando cada vez mais adesão, principalmente pelas ofertas crescentes de recursos adicionais. Nesse ínterim, Lemos (2007, p. 131) aponta que “dentre as tecnologias móveis, o telefone celular tem sido o dispositivo maior da convergência tecnológica e da possibilidade de exercício efetivo dessa ‘rebelião’ política”, verificada atualmente nas híbridas manifestações populares espalhadas pelo mundo, organizadas, difundidas e registradas com recursos digitais e tecnológicos.

Duas características principais da utilização de dispositivos móveis, aliados aos sistemas de redes, salientam-se nesses cenários: primeiro no que diz respeito ao direito à informação, pois permite os registros fotográficos e audiovisuais – com possibilidade de transmissão em tempo real – e seus compartilhamentos com outras pessoas em qualquer parte do mundo com acesso à internet; segundo no que se refere à fomentação cultural e produção artística fora dos circuitos tradicionais da arte, em uma prática que “desloca o cenário da arte e da política para o espaço público” (CHAIA, 2007, p. 11). Dessa forma, popularizam as manifestações artísticas, enquanto funcionam como fer-

---

7. Em entrevista: 'O que é arte digital?'. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=06C1CuGpzC8>>

ramentas para ação política, social e cultural, através das trocas de informações e das capacidades de montar sistemas participativos e dialógicos, que modificam as noções temporais e espaciais de acordo com as estruturas até então estabelecidas.

No contexto das manifestações de junho de 2013 no Brasil, essas duas características –transmissão direta dos fatos pela mídia livre e expressões de ativismo – de utilização crítica dos dispositivos móveis, das tecnologias e das redes, puderam ser verificadas por todo o país.

## Artivismo

Artivismo é o nome dado a ações sociais, artísticas e políticas que se valem de estratégias estéticas e simbólicas para esclarecer, amplificar, sensibilizar e pautar para a sociedade os objetivos, causas e reivindicações sociais. "O processo criativo da arte pública torna-se, então, uma das fronteiras de resistência" (KINCELER, 2006, p. 80), podendo valer-se de inúmeras linguagens e plataformas para expressar seus objetivos: arte de rua, performance, vídeo, música, audiovisual, rádio, arte gráfica, intervenções urbanas, entre outras.

As participações sociais e políticas, através dos ativismos artísticos, ganham força no tempo atual e são altamente favorecidas e estimuladas pelas facilidades tecnológicas. Além disso, estão "intimamente ligadas com a introdução de novos modos de engajamento político no cotidiano, transformando os artistas em agentes ativos e catalisadores de experiências, integrando arte e vida" (MESQUITA, 2006, p. 96).

Miguel Chaia afirma que a origem do artivismo está *linkada* a dois momentos específicos: o ativismo artístico, que revela a urgência da ação na sociedade, propondo a necessidade de superação da política e da arte preestabelecidas, sabotando a sociedade capitalista ao imprimir novos significados à arte e permitindo, assim, novas formas de ampliação do fazer artístico na vida; e o outro momento refere-se à produção e popularização de novas tecnologias, gerando um cenário onde o tempo e o espaço são subvertidos. Isso faz com que a internet e as conquistas tecnológicas constituam suportes e ofereçam novas possibilidades para ampliar ações de artistas políticos, aumentando assim o campo de ação do artivismo (CHAIA, 2007).

Apesar de caracterizarem-se como ações efêmeras e poéticas, o alto grau de impacto do artivismo em contextos como o das manifestações de junho no Brasil tem muito a agregar. Chaia (2007, p. 10) explica que o ativismo artístico e cultural tende a se aproximar da antiarte "ao eliminar o objeto artístico em favor da intervenção social inspirada pela estética e ao desconsiderar a contemplação em benefício do envolvimento da comunidade", trazendo uma diversidade de benefícios socioculturais representativos, em detrimento da simples fruição artística. Ações como as realizadas pelo Coletivo Projetação nas manifestações de junho no Brasil desestruturaram críticas estabelecidas pela mídia tradicional comercial, referentes à falta de pautas claras e bem estabelecidas, ao desengajamento político popular, ao excesso de confusão e

---

8. Coletivo artístico surgido no Rio de Janeiro, em meio às manifestações de junho de 2013, pela demanda de ocupação de espaços públicos, valendo-se de mensagens projetadas no intuito de esclarecer pautas e objetivos.

à falta de foco nos protestos. As intervenções realizadas pelo Coletivo – unindo um notebook, um projetor e uma superfície – reafirmavam as pautas dos protestos de maneira gritante, em projeções realizadas em fachadas de prédios, calçadas, ruas, outdoors e até mesmo em veículos militares que circulavam entre os manifestantes.



O Coletivo vem oferecer uma expressão artística *mobile* que pode envolver o público "em práticas sociais que são lúdicas, provocativas e, por definição, efêmeras; os locais não são fixos, e a audiência costuma estar em movimento. [...] o público é o meio através do qual se desenrola a experiência de participação" (LADLY, 2011, p. 167). Entendendo a importância do público no processo, o Coletivo Projetação uniu-se com o intuito de promover ações que gerassem reflexão e um condicionamento político, integrando e alinhando discursos entre as classes sociais, em torno de um objetivo comum.

De acordo com Marcela Leite<sup>9</sup>, integrante do Coletivo, todo esse trabalho é desenvolvido a partir de reuniões em que são estabelecidos temas principais. Estes são resumidos em frases impactantes e posteriormente projetadas nos locais onde estão se desenrolando as manifestações, sempre com um compromisso muito grande com a informação, reafirmando a democracia e a liberdade de expressão. Thoreau<sup>10</sup>, outro integrante do Coletivo, comenta que havia muitos cartazes nas manifestações de junho e o grupo percebeu que faltava algo e que poderiam ocupar mais espaços. "Quando projetamos, as pessoas que estão nos atos se sentem amparadas e também é possível compartilhar as reflexões para quem não está no protesto".

Além dessas atividades realizadas *in loco* nas manifestações, outras obras artistas são favorecidas e produzidas com a utilização das tecnologias digitais e dos dispositivos móveis, como produções de documentários e diversos materiais visuais e audiovisuais, a partir do registro e da documentação dos fatos - inclusive valendo-se de imagens exclusivas produzidas por manifestantes ou agentes da mídia livre, às quais não tiveram acesso as lentes da mídia tradicional. Entre diversas produções destacam-se o documentário 'Com Vandalismo' do Coletivo Nigéria<sup>11</sup>, os audiovisuais 'Sete Setembro, 2013 SP'<sup>12</sup> e 'Mídia Ninja'<sup>13</sup> do Coletivo 12PM Photographic, o projeto de vídeo instalação 'Faça log off para continuar'<sup>14</sup>, entre outros não menos relevantes.

## Mídia Livre - mídia independente de comunicação comunitária

"A fusão entre a rede a rua se mostrou mais clara. Eles tentaram derrubar nossa transmissão ao deter um, dois, três NINJAS. Mas eles não entenderam que não é uma câmera, um repórter... é uma rede. Podem até derrubar um. E assim surgem outros 1000" (Felipe Peçanha, 2013).<sup>15</sup>

A utilização crítica dos dispositivos móveis, das tecnologias e das redes no contexto das manifestações de junho no Brasil ficou marcada, principalmente, pela trans-

9. Em entrevista concedida em 2013 no audiovisual 'Brasil Ocupado', disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=MWpks7AzPik>>

10. Em entrevista concedida em 2013 para o site A Nova Democracia, disponível no link: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-118/4974-projetacao-ocupar-e-politizar-os-espacos>>

11. Documentário completo disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s>>

12. Audiovisual completo disponível no link: <<http://12pmphtographic.com/Videos/7-de-Setembro-2013>>

13. Audiovisual completo disponível no link: <<http://12pmphtographic.com/Videos/Midia-Ninja>>

14. A proposta desse projeto de videoinstalação foi realizada na disciplina Artes Imersivas: interfaces e implicações estéticas e políticas, ministrada no segundo semestre de 2013 pela Dra. Yara Guasque no Programa de Pós Graduação – Mestrado em Artes Visuais da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC. Vídeo de registro da videoinstalação disponível no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=83uS7sNBCSg>>

15. Felipe Peçanha é agente da Mídia Ninja. Foi preso durante as manifestações e continuou sua transmissão mesmo dentro do camburão da polícia. Seu depoimento sobre o caso pode ser conferido no link: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/207055739452579>>

missão direta dos fatos pela mídia livre, conflitando os tradicionais padrões estabelecidos pela mídia tradicional comercial.

A mídia comercial "articulando de forma intensa produção de cultura, produção simbólica e de discursos, se apropriou de modo magnânimo das tecnologias de informação e comunicação e, com isso, domina o mundo" (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 75). Isso porque, de acordo ainda com os autores, apenas cerca de seis grupos são donos da quase totalidade do universo da comunicação, com poderes distribuídos entre editoras de livros, multimídia, jornais e revistas, gráficas, emissoras de televisão e rádio, telecomunicações, cinema, internet, música, entre outras ferramentas de influências, inclusive instituições financeiras. Nesse contexto, a mídia livre independente surge de (e para) um grupo democrático e horizontalizado, capaz de desdobrar a organização hierárquica tradicional de fabricação e divulgação de informações. Além disso, também é capaz de oferecer novas perspectivas de imparcialidade, pois não está vinculada a grandes grupos de comunicação, anunciantes, grupos políticos ou governamentais, apresentando uma contraproposta à velha mídia comercial descredibilizada. "Pelas novas mídias, as pessoas podem comparar as informações da TV e divulgar a contraversão para milhares de internautas, de forma que possam tirar conclusões diferentes das veiculadas pela mídia tradicional" (COSTA, 2013, p. 12). Isso porque a mídia livre é produzida e transmitida ao vivo, na hora dos acontecimentos, excluindo os filtros dos interesses comerciais ou ideológicos que influenciam na produção/transmissão das informações pela grande mídia comercial, fazendo com que informações manipuladas pela TV, por exemplo, possam ser desmentidas pelas redes sociais.

Dentro das redes sociais e da internet de uma maneira geral, isso ganha muita força, impulsionado pelos altos poderes de compartilhamento, participação e colaboração. De acordo com a retrospectiva 2013 feita pela Mídia Ninja<sup>16</sup>, algumas transmissões ao vivo alcançaram mais de 100 mil visualizações a partir de um *link* gerado por um único celular. Ou seja, facilidades tecnológicas, internet e redes sociais representam hoje as maiores forças propulsoras da mídia livre, transparecendo vestígios, mesmo que ainda não muito bem estruturados, de uma democracia direta participativa que sempre se solicitou nesses tipos de manifestações e foi tema recorrente nos protestos de 2013.

Evidentemente, não há como comparar o poderio tecnológico e econômico dos meios de comunicação tradicionais comerciais com o dos agentes de mídia livre. Entretanto o que deve ficar estabelecido é a fissura que se abre, gradativamente, no sistema tradicional de produção de informação baseada na estrutura capitalista publicitária. Gilberto Dupas afirma que em cerca de apenas dez anos a lógica mundial da produção e da comunicação foram transformadas pela internet (DUPAS, 2005). No momento em que iniciativas de mídias não comerciais oferecem novas possibilidades e perspectivas de recebimento e demanda de informação, por parte do público, as tradicionais estratégias publicitárias de arrecadação e estruturação da mídia comercial vão se tornando obsoletas, ou pelo menos tendem a ser reestabelecidas. Isso porque a mídia comercial opera baseada em gigantescas estruturas físicas, com diversos funcionários e com uma

---

16. Retrospectiva multimídia das ações da Mídia Ninja em 2013 disponível no link: <<https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2>>

proposta de gastos financeiros extremamente grandes, que tendem a ser financiados por publicidade e propaganda. Essas situações, aliadas à crescente avaliação crítica das pessoas, fomentada, por sua vez, pelas revelações de contradições entre a mídia livre e a mídia comercial no que diz respeito à divulgação de fatos, estimulam o estabelecimento de uma crise dos meios de comunicação tradicionais comerciais, que precisam então se reestruturar e se reestabelecer nesse novo cenário participativo, filtrável e democrático que se apresenta. "A dinâmica interna da esfera pública interconectada [...] amplia o potencial dos cidadãos de articular a resistência ao poder a partir do espaço público" (SILVEIRA, 2008, p. 32). Ou seja, a mídia tradicional comercial, como representante do poder direcional de informações, formadora de opinião pública e, de certa forma, controladora da distribuição de informações baseadas em interesses particulares, sente suas estruturas sendo abaladas por essa interconectividade da esfera pública. Silveira (2008) ainda aponta para o fato de que o capital controla a emissão e os canais de transmissão no cenário dominado pelos meios de comunicação comerciais. Já nos cenários digitais da internet, o capital pode controlar as infraestruturas de conexões, porém não pode controlar os fluxos de informações, nem o surgimento de páginas ou portais desvinculados do poder econômico ou político e muito menos estabelecer as audiências.

A mídia livre pode ser representada por qualquer pessoa disposta a transmitir informações em tempo real em algum evento ou acontecimento, fazendo surgir uma nova classe de agentes de mídia independentes, que produzem e veiculam informação através de *smartphones* ou *tablets*. A atual popularidade de aquisição de dispositivos móveis, aliada a planos de telefonia que facilitam o acesso à internet, oferecem as ferramentas básicas para qualquer cidadão que queira fazer parte da mídia livre. As facilidades tecnológicas e o entendimento compartilhado de que a grande mídia comercial não representa os pontos de vistas e interesses da população geral, faz com que cada cidadão utilize seus equipamentos particulares como máquinas fotográficas, filmadoras, celulares, *tablets*, pra levar aos demais o seu próprio ponto de vista físico dos acontecimentos *in loco*.

A falta de capacidade técnica, porém, pode trazer à tona um amadorismo natural nesse processo, o que pode fazer da mídia livre uma forma de comunicação pouco atrativa para os padrões convencionais absorvidos pelo público receptor. A partir daí, pode-se também questionar a quantidade de informação produzida sem um padrão de qualidade preestabelecido, seja pelas questões estéticas, comunicacionais ou pelas formas de apresentação das mensagens. Todavia, conforme Beiguelman (2010) "a cultura de rede obriga a pensar uma estética da transmissão, que, de uma certa forma, depende também de uma ética da generosidade intelectual". Isso no sentido de que diferenças estéticas físicas podem aparecer nos processos de transmissão/recepção das mensagens digitais, como, por exemplo, diferenças nos tamanhos das telas, configurações de cores, resoluções, ambientes de transmissão ao vivo e recepção das mensagens, para citar aqui alguns exemplos. Além disso, deve-se levar em consideração o fato de que os dados podem ser transmitidos e recebidos em velocidades diferentes, também podendo a qualidade final ser afetada devido ao número de usuários conectados em um mesmo site, assistindo a uma transmissão ao vivo. A generosidade intelectual citada por Beiguelman refere-se, justamente, ao fato de a necessidade dessas

questões serem levadas em consideração no momento em que se experiencia uma transmissão digital via rede, seja na execução de um projeto ou na sua recepção final. Mas, para que mudanças se estabeleçam, é preciso confrontar os padrões estéticos preestabelecidos e "nada é mais urgente do que inquietar as certezas que se fundaram sobre as noções de belo, de justiça e de verdade, isto é, se deixar de novo indagar pelas questões que elas constituem" (STIEGLER, 2007, pp. 19-20). Dessa forma, a estética da transmissão digital ainda é um conceito que está sendo estabelecido e construído, valendo-se de parâmetros novos e ainda variáveis.

A transmissão ao vivo durante os protestos ganhou notoriedade e vários sites passaram a dar orientações sobre esse tipo de transmissão, levando em consideração aspectos estéticos e tecnológicos. Principalmente no que diz respeito às tentativas de se estabelecer um padrão de transmissão que possa gerar adesão, iniciando uma delimitação de questões básicas da transmissão para que o material veiculado tenha maior credibilidade e consistência de informação. Entre as diversas questões tecnológicas, foram destacadas a alta necessidade de alimentação dos dispositivos eletrônicos, que devem contar com baterias extras ou sistemas móveis de recarregamento, além da necessidade de internet 3G nos dispositivos de transmissão, ou presença de rede wireless no percurso da manifestação, o que acabou abrindo uma brecha para a elaboração de projetos de internet livre compartilhada, como a 'Revolta da Antena', em Florianópolis.

## A 'Revolta da Antena'

Visando garantir a liberdade à informação e o acesso público às verdades dos fatos *in loco* nas manifestações de junho de 2013, o Tarrafa Hacker Clube<sup>17</sup> desenvolveu um projeto bastante contemporâneo chamado 'Revolta da Antena', centralizado sobre a ideia da liberdade de informação. "Toda invenção é ruptura de normas, regras e hábitos que definem o indivíduo e a sociedade" (LAZZARATO, 2006, p. 46) e a experiência é sempre a melhor maneira de consolidar a prática.

Hakim Bey afirma que, ao se formar uma Zona Autônoma Temporária (TAZ), um hacker nela inserida "trabalhará para a evolução de conexões fractais clandestinas [...] Essas conexões, e as diferentes informações que fluem entre elas e por elas, formarão as 'válvulas de poder' para a emergência da própria TAZ" (BEY, 1990, p. 15). Com um posicionamento voltado à propagação dos princípios de conhecimento livre, liberdade de informação e cultura do faça-você-mesmo, o Tarrafa iniciou a elaboração do projeto 'Revolta da Antena', que visava, inicialmente, à liberação de *WI-FI* livre durante as manifestações de junho de 2013. "*WI-FI* é uma tecnologia de transmissão de dados via rádio. [...] O baixo custo de montagem de um hotspot *WI-FI* expandiu seu uso [...] e foi incorporado pelos usuários residenciais que queriam mobilidade dentro do raio de conexão de, aproximadamente, cinquenta metros" (SILVEIRA, 2008, p. 43), fazendo com que a disseminação de redes *WI-FI* pelas cidades se tornasse corriqueira. Atualmente, muitas empresas

---

17. Tarrafa Hacker Clube é um hackerspace situado em Florianópolis, espaço comunitário e livre, sem fins lucrativos e apolítico, aberto para pessoas

que compartilhem interesses comuns relacionados geralmente a arte digital, ciência e tecnologia, sempre no intuito de partilhar projetos e conhecimentos.

prestadoras de serviços de telecomunicação e internet fornecem os aparelhos roteadores via pacotes de planos de internet rápida, que podem ser adquiridos com baixo custo, popularizando sua disseminação.

Casos de abuso da polícia contra jornalistas e manifestantes e ainda relatos de pessoas que tiveram celulares quebrados ou confiscados pela repressão policial foram propulsores para o impulso inicial da aplicação do projeto. João Ricardo Lazaro<sup>18</sup>, um dos integrantes do Tarrafa HC, revela algumas premissas da formação do projeto, baseadas nos fatos que vinham ocorrendo em São Paulo e no Rio de Janeiro, desde o começo de junho, referentes à repressão policial ostensiva e *blackouts* relativos da mídia. João conta que os policiais distribuía "gás lacrimogênio e projéteis de borracha para todos os presentes na tal perturbação da ordem, afugentavam jornalistas e impediam o registro de alguns fatos ao solicitar (impor) que fossem apagadas fotos e vídeos, até mesmo confiscando e quebrando câmeras". Dessa forma, ao verificar uma incidência de repressão da polícia sobre os populares e do Estado sobre os meios de comunicação em algumas cidades, formou-se a ideia de trazer internet sem fio para as manifestações e com ela a possibilidade que indivíduos comuns ou engajados a mídias independentes tivessem uma estrutura básica de rede para cobrir os acontecimentos, com a total liberdade de expressão que é prevista constitucionalmente. "Essas lutas pelos bens comuns são atos políticos radicais, desde que escapem à codificação da relação capital/trabalho e que possam afirmar e utilizar as possibilidades de cooperações entre cérebros, cooperações que ao mesmo tempo atualizam e inventam" (LAZZARATO, 2006, p. 143). A partir disso, delinear-se os objetivos finais da proposta, visando a que qualquer pessoa pudesse transmitir ao vivo eventos de interesse público, valendo-se de dispositivos móveis de transmissão (celulares ou *tablets*) conectados a uma rede que seria provida pelo grupo, a partir da abertura de sinais *WI-FI* particulares. Tudo isso no intuito de que as manifestações pudessem decorrer pacificamente e ganhando mais visibilidade. Essa coletividade é considerada por Harvey (2013, p. 32) quando comenta que "o direito à cidade não pode ser concebido simplesmente como um direito individual. Ele demanda um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais", fazendo com que o compartilhamento, característico das redes, faça mais uma vez a diferença nas mudanças sociais em curso.

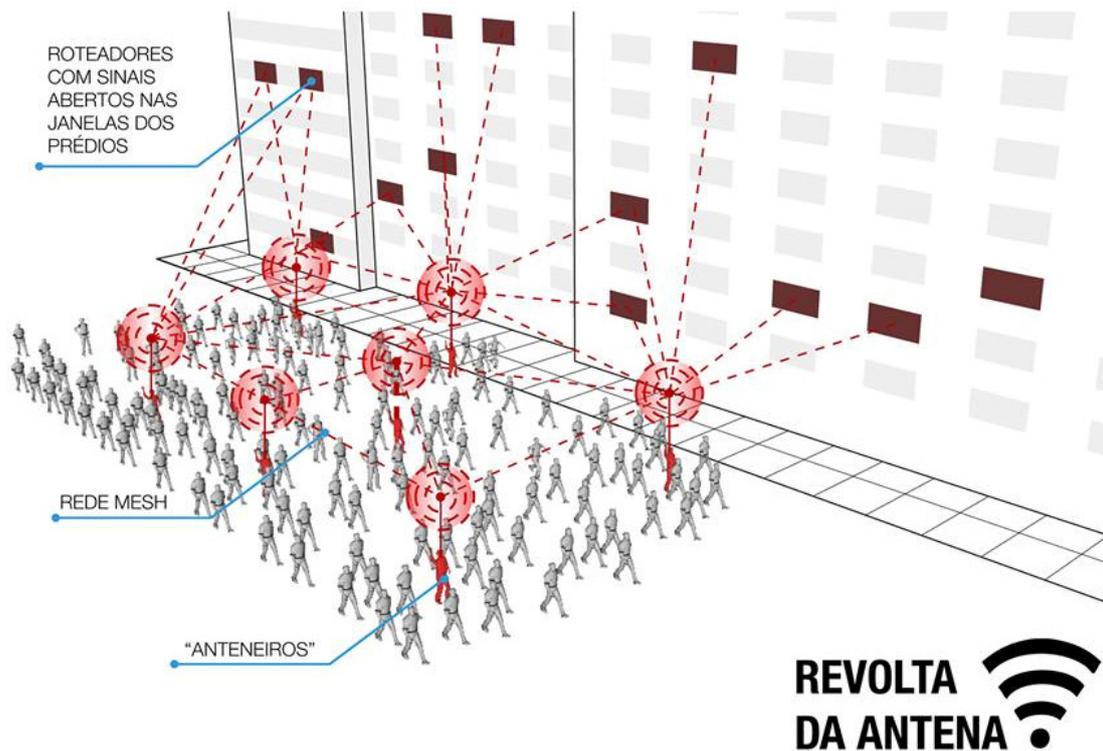
O conceito inicial da 'Revolta da Antena' foi então sendo lapidado com o empenho de alguns participantes do Tarrafa HC, que projetaram para tanto a união de roteadores conectados entre si por rede *mesh*<sup>19</sup> (baseada na ideia radical de distribuição e descentralização da informação) a capacetes. Os roteadores são alimentados com baterias de alarme e, valendo-se da utilização de sinais de *WI-FI* abertos ou disponibilizados para ampliar a cobertura do sinal, conseguem oferecer a possibilidade de que qualquer pessoa possa se tornar um agente de mídia livre. Nesse contexto, cada roteador pode apresentar-se como um ponto de saída e eles são independentes entre si, ao mesmo tempo que estão interligados. Dessa forma, não há um concentrador, fazendo com

---

18. Em um texto explicativo sobre a introdução e os objetivos da Revolta da Antena, disponível no link: <http://tarrafa.net/blog/2013/06/revolta-da-antena-introducao-objetivos/>

19. Uma rede *mesh* é composta de vários roteadores, que passam a se comportar como uma única grande rede.

que o sistema apresente-se altamente distribuído. Se uma operadora corta a emissão do sinal, as outras que ainda estiverem em funcionamento oferecerão o sinal necessário garantindo a resiliência do sistema. Essa estrutura, de acordo com Bey (1990, p. 15), pode ser definida como uma estratégia na "tentativa de arquitetar a construção de uma net alternativa e autônoma, 'livre' e não parasítica, que servirá como a base de uma 'nova sociedade emergindo do invólucro da antiga'", baseada nos conceitos de compartilhamento que as redes carregam.



A partir desse método, em um ambiente colaborativo juntaram-se conhecimentos de redes, transmissão de sinais, roteadores *wireless*, baterias, programação e forjou-se a estrutura de redes *WI-FI* móveis que dá corpo à 'Revolta da Antena'. Nessa perspectiva, em 17 de junho de 2013, o Tarrafa HC criou um grupo aberto no *Facebook*, no qual novas ideias foram surgindo e o planejamento da execução foi ganhando forma. A intenção inicial era fazer os testes e adaptações para uma execução oficial do projeto nas manifestações organizadas para o dia 20 de junho do mesmo ano, em Florianópolis.

Estabelecidos os pontos iniciais do planejamento, o Tarrafa HC elaborou uma campanha para incentivar a liberação das redes no centro da cidade e em locais específicos preestabelecidos via *web* pelas organizações dos manifestos, pois "a prática de abertura do sinal de internet permite a formação de uma grande nuvem de conexão *WI-FI* que recobre as cidades" (SILVEIRA, 2008, p. 43). A ideia era estabelecer essa nuvem de conexão, que ficasse orbitando em torno da manifestação, tomando cuidado para sempre ter alguém perto de uma conexão aberta pra garantir a conectividade na rede. Para que a campanha de liberação dos *WI-FIs* fosse disseminada rapidamente, foi feita uma campanha com cartazes:



Juntamente com essa campanha para a liberação dos sinais de internet, os voluntários foram sendo recrutados para a ação, a partir de uma analogia com o jogo *Half-Life: Team Fortress*. Segundo João Ricardo Lazaro, os "Engineers" carregariam as antenas conectadas à rede, suprindo o sinal para os "Soldiers", que fariam os registros da manifestação como agentes da mídia livre e subiriam as imagens para a internet. Para cada "Engineer", o ideal seria ter pelo menos mais duas pessoas andando junto como apoio e segurança. Além disso, seria prudente que as pessoas que se candidatassem a esse cargo tivessem alguma noção de roteadores, para saber se posicionar no sentido de pegar sempre o melhor sinal e distribuí-lo da melhor maneira possível em relação aos outros roteadores. Nesse momento, portanto, foi reforçada a ideia de ter uma espécie de mapa com as *WI-FIs* disponíveis, facilitando as táticas de ação no protesto.



Resumidamente, o objetivo final era ter vários roteadores espalhados pela manifestação do dia 20 de junho de 2013, fornecendo internet para que qualquer manifestante pudesse estar conectado e transmitindo vídeos em tempo real, garantindo assim a liberdade de emissão e recepção das informações. Além disso, um site agregador foi viabilizado para mostrar em tempo real todos os vídeos que estavam sendo gravados.

Apesar da chuva e de pequenas interferências ocasionais, a primeira aplicação oficial da 'Revolta da Antena' foi considerada satisfatória, principalmente do ponto de vista social e colaborativo. Sob o ponto de vista técnico, a proposta ficou um pouco aquém das expectativas, devido a falhas técnicas que só foram identificadas na hora, como, por exemplo, as dificuldades de estabelecer conexões devido à incapacidade de as redes telefônicas suprirem a demanda de conexões simultâneas concentradas em um mesmo local. Isso foi percebido somente durante a manifestação, devido ao congestionamento de linhas, identificado a partir de tentativas de se estabelecerem chamadas telefônicas simples entre os integrantes do grupo. Alguns manifestantes relataram, ainda, problemas de conexão em alguns momentos, o que pode ser considerado natural devido às condições instáveis desse primeiro teste, entre as quais se pode citar a chuva, diferenças de velocidade de internet e distância entre os pontos colaboradores – locais que liberaram o sinal da internet –, além das diferenças estruturais dos dispositivos móveis que tentavam a conexão, bem como seu posicionamento com relação aos *modems* que distribuíam o sinal. Além disso, como a manifestação não tinha rota definida – apesar das intenções de definir rotas, as possibilidades de entraves físicos por bloqueios policiais nunca devem ser descartadas –, a qualidade do sinal redistribuído dependeria do número de sinais de internet particulares abertos para o evento, para que se pudesse ter uma cobertura de sinal sempre ativa. Para garantia de que os sinais fossem usados apenas no momento da manifestação, o mapa colaborativo saiu do ar logo após as manifestações do dia 20 de junho.

## Considerações Finais

O dia a dia na contemporaneidade está permeado pelas redes sociais, e a digitalização da cultura faz-se cada vez mais presente, a ponto de não ser mais possível debater sobre as facetas reais ou virtuais da atualidade. O real torna-se cada vez mais palpável a ponto de absorver o que antes se dizia virtual, criando situações híbridas de realidade virtual nunca antes vistas. "A era do virtual ficou na primeira década do século. O real engole tudo e nos põe no centro de redes interconectadas acessíveis" (BEIGUELMAN, 2011).

As evoluções tecnológicas e digitais favorecem as mudanças, acontecendo elas em todos os âmbitos sociais; projetos como a 'Revolta da Antena' vêm abrir os olhos da população para novas formas de ação e interação com os espaços públicos. Isso porque as tecnologias digitais apresentam perspectivas relacionadas à cultura do software livre, ao aumento nas capacidades de armazenamentos de dados, distintas formas de compartilhamento e plataformas multiusuários. Tudo isso traz à tona discussões sobre a socialização do conhecimento, bens comuns, ocupação dos espaços públicos, entre outros, que findam por modificar os modos de percepção, produção e preservação das informações, das artes e da cultura.

Segundo o site Olhar Digital<sup>20</sup>, em janeiro de 2014 a Prefeitura de São Paulo anunciou "os dois primeiros pontos de *WI-FI* gratuitos do Projeto Praças Digitais", pretendendo levar internet a cento e vinte locais públicos até julho do mesmo ano. Esses tipos de iniciativas estão acontecendo em diversas cidades do país, podendo servir de âncoras a projetos como a 'Revolta da Antena', reafirmando as mudanças nas formas de se fazer política, no jornalismo independente, no direito à informação, na descentralização das mídias, nas interatividades, entre outras. As aberturas de *WI-FI* gratuito também podem favorecer a transmissão direta, via internet, de diversos tipos de eventos culturais, populares, ativistas e artísticos, criando ainda novos horizontes de participação popular na ocupação do espaço público. Mas o que acontecerá com essa tendência natural de abertura de sinais sem fio em espaços públicos, no momento em que os interesses das grandes corporações ou dos governos começarem a ser questionados? Em diversos pontos do Brasil, durante as manifestações de 2013, foram verificadas quedas de redes e conexões de internet. Até que ponto os interesses particulares ou institucionais poderão exercer influência sobre uma ferramenta a serviço do bem público?

Às jornadas de junho de 2013 sucederam-se uma série de atos e manifestações específicos por todo o Brasil, cada um com suas características exclusivas de pautas, públicos e regiões. De todos esses eventos o que se sobressaiu foi justamente a realidade de que a mídia tradicional comercial mascara os fatos, manipula as informações e a opinião pública, criando uma massa de manobra moldável e passiva, de acordo com seus interesses. Zizek (2013, p. 102) afirma que "os protestos explodiram em um país que, ao menos de acordo com a mídia, encontrava-se em seu ápice econômico, desfrutando da alta confiança depositada no próprio futuro", o que demonstra esse poder midiático de manipulação.

Também se destaca o fato de que, pela primeira vez na história do Brasil, a internet serviu de ferramenta essencial para a organização dos protestos, mobilização social e divulgação de uma 'outra verdade' dos fatos, trazida pela mídia livre, em contraponto à tendenciosa velha mídia comercial. Mas, nesse sentido de entender a força da internet e das redes sociais na estrutura das manifestações, Secco (2013, p. 72-73) reflete que "os temas continuam sendo produzidos pelos monopólios de comunicação. A internet é também um espaço de integração entre indivíduos, mediada pelo mercado de consumo, vigiada pela 'inteligência' dos governos", ou seja, o fim da manipulação social depende de um desprendimento político e intelectual de cada cidadão e não da simples adesão às redes sociais e seus movimentos, que também podem servir de ferramenta de controle ou libertação, dependendo do uso que se faz delas.

O grito das ruas demonstra a decadência de uma forma de governar, a renovação de uma forma de fazer política e um questionamento sobre as diretrizes econômicas adotadas. Uma reforma política faz-se necessária no Brasil, como foi e está sendo nos demais países que estão sentindo as pressões populares. Talvez o futuro dos protestos "dependa da capacidade de se organizar essa solidariedade global. Está claro que não vivemos no melhor mundo possível. Os protestos globais devem servir de lembrança

---

20. Matéria completa disponível no link:  
<<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/39954/39954>>

ao fato de que temos a obrigação de pensar em alternativas” (ZIZEK, 2013, p. 108), entre as quais, no Brasil, a democratização dos meios de comunicação e a luta pelo Marco Civil da Internet<sup>21</sup> tornaram-se pautas em voga. Percebe-se então que esse ciclo de manifestações que se iniciou em junho no Brasil tende a continuar, pois, como afirma Costa (2013, p. 16), “um processo de lutas como o que está acontecendo, animado por um lastro de carências em praticamente todas as áreas, só se esgota diante de três possibilidades: se for derrotado, se for cooptado ou se obtiver uma vitória”. Alternativas como a ‘Revolta da Antena’, o ativismo com suas demandas digitais e as transmissões da mídia livre vêm refinar as formas de participação popular nesses eventos, ampliando as perspectivas de ação e mantendo a esperança da luta, cada vez mais adaptada às novas realidades tecnológicas e digitais que aproximam o mundo.

---

21. O Marco Civil da internet é uma iniciativa inovadora no mundo, que recebeu a alcunha de “constituição da internet”. O projeto, construído colaborativamente na rede com participação livre e aberta de diversos movimentos, ciberativistas, intelectuais e instituições, busca defender a internet enquanto

rede distribuída e livre. Oficialmente chamado de Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, é a lei que regula o uso da Internet no Brasil, por meio da previsão de princípios, garantias, direitos e deveres para quem usa a rede, bem como da determinação de diretrizes para a atuação do Estado.

## Referências

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHUN, W. H. K. Imaginando Nômades. In BEIGUELMAN, G.; FERLA, J. L. **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

DUPAS, G. **Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 11 ed. Campinas: Papyrus, 1990

HARVEY, D. A liberdade da cidade. In MARICATO, E. [et al]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

LADLY, M. Portáteis e Lúdicos: aparelhos afetivos e ambientes responsivos. In: BEIGUELMAN, G.; FERLA, J. L. **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PARENTE, A. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In:\_\_\_\_\_ (org.). **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PESCHANSKI, J. A. O transporte público gratuito, uma utopia real. In MARICATO, E. [et al]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

PRETTO, N. D. L.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já!. In: PRETTO, N. D. L.; SILVEIRA, S. A. (Orgs). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In MARICATO, E. [et al]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SECCO, L. As jornadas de Junho. In MARICATO, E. [et al]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SILVEIRA, S. A. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: PRETO, N. D. L.; SILVEIRA, S. A. (Orgs). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SIMON, I.; VIEIRA, M. S. O rossio não-rival. In: PRETO, N. D. L.; SILVEIRA, S. A. (Orgs). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA e SILVA, A. A. Arte e tecnologias móveis. In PARENTE, A. (org.). **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

STIEGLER, B. **Bernard Stigler: reflexões (não) contemporâneas**. MEDEIROS, M. B. (org. E trad.). Chapecó: Argos, 2007.

ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do Real! Estado de sítio! Cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Problemas no Paraíso. In MARICATO, E. [et al]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

## **Artigos e Livros Digitais**

BEIGUELMAN, G. O fim do virtual. Série de cinco artigos virtuais. **Revista Select**. 2011. Disponível em <[http://www.select.art.br/article/reportagens\\_e\\_artigos/o-fim-do-virtual?page=unic](http://www.select.art.br/article/reportagens_e_artigos/o-fim-do-virtual?page=unic)>. Acesso em 29/07/2014.

\_\_\_\_\_. **Admirável Mundo Cíbrido**. 2004. Artigo digital disponível em <[https://www.academia.edu/3003787/Admiravel\\_mundo\\_cibrido](https://www.academia.edu/3003787/Admiravel_mundo_cibrido)>. Acesso em 29.07.2014

BEY, H. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 1990. Livro digital disponível para download em <<http://nacao.net/?wpdmact=process&did=NC5ob3R-saW5r>>. Acesso em 29/07/2014.

CHAIA, M. Ativismo – Política e Arte Hoje. **Revista Aurora**. PUC – São Paulo, n. 01, 2007. Artigo digital disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/6335/4643> >. Acesso em 02/02/2014.

COSTA, E. **Brasil: extraordinária jornada de lutas. Primeiras reflexões sobre as grandes manifestações de massas no País**, 2013. Artigo digital disponível em <<https://docs.google.com/file/d/0B7usajQaylSFNjlnbURsZnUzM3c/edit?pli=1>>. Acesso em 27/07/2014.

KINCELER, J. L. Arte pública e sociedade de risco em Florianópolis. In ROSAS, Ricardo; SALGADO, Marcus (editores). **Rizoma – Artefato**, 2006. Livro digital disponível para download em <<http://virgulaimagem.redezero.org/rizoma-net/>>. Acesso em 29/07/2014.

LEMOS, A. Cidade e mobilidade: Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Revista MATRIZES**. UFBA, n. 01, 2007. Artigo digital disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em 29/07/2014.

MESQUITA, A. Arte-ativismo: interferência, coletivismo e transversalidade. In ROSAS, R; SALGADO, M. (editores). **Rizoma – Artefato**, 2006. Livro digital disponível para download em <<http://virgulaimagem.redezero.org/rizoma-net/>>. Acesso em 29/07/2014.

## Multimídia

Midia Ninja. **Retrospectiva 2013**. Arquivo multimídia disponível em <<https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2>>. Acesso em 29/07/2014.

## Vídeos

Coletivo Projetação - **Brasil ocupado**, 2013. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=MWpks7AzPik>>. Acesso em 29/07/2014.

BEIGUELMAN, Giselle. **A Arte do Cibridismo**. Entrevista concedida por Giselle Beiguelman, 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=pwej1qB8ulg>>. Acesso em 29.07.2014

BEIGUELMAN, Giselle. **O que é arte digital?** Por Giselle Beiguelman, 2011. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=06C1CuGpzC8>>. Acesso em 29.07.2014

## **Autor**

**Gustavo Antoniuk Presta**

Mestrando no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

falarcomguto@hotmail.com